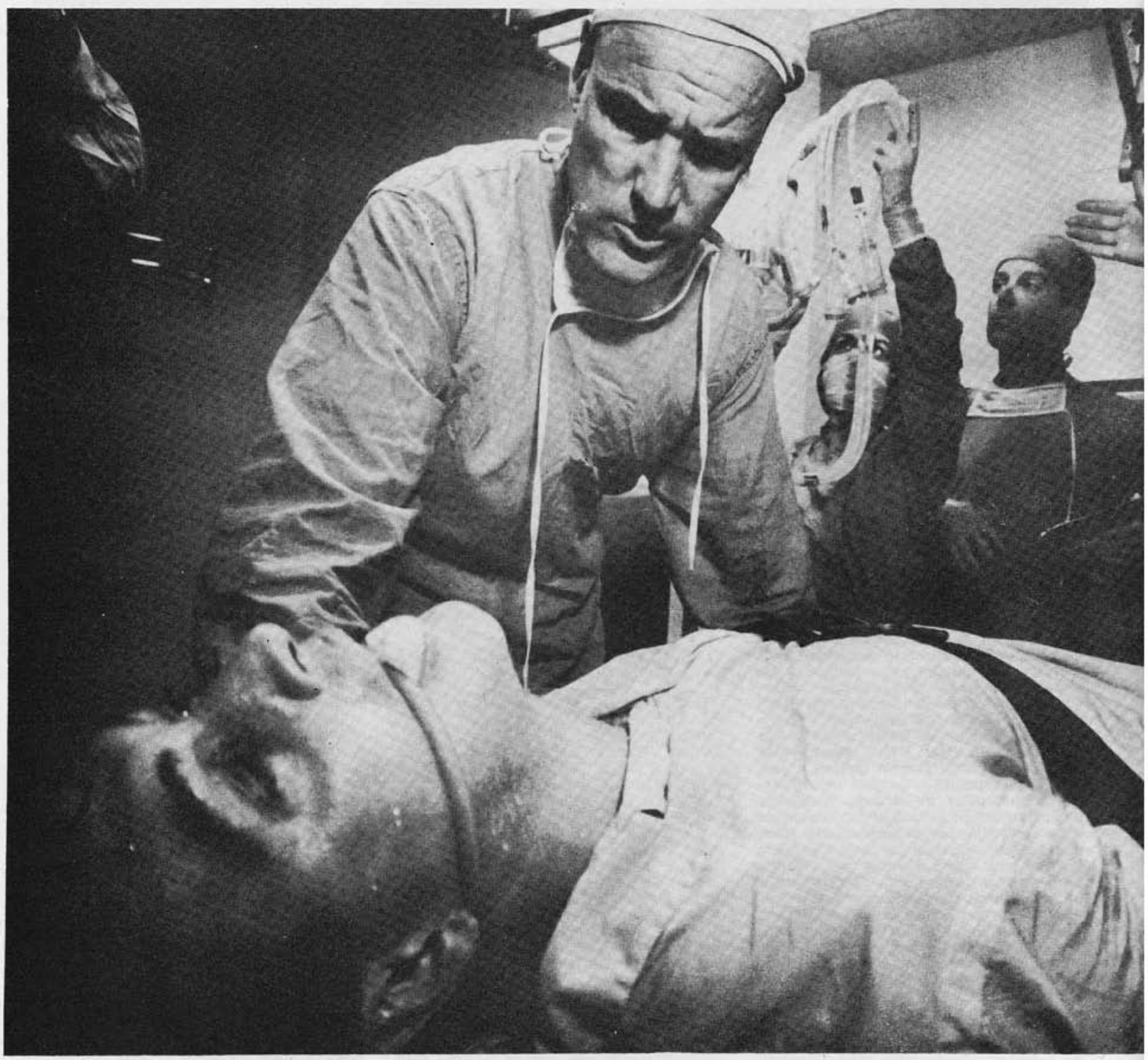
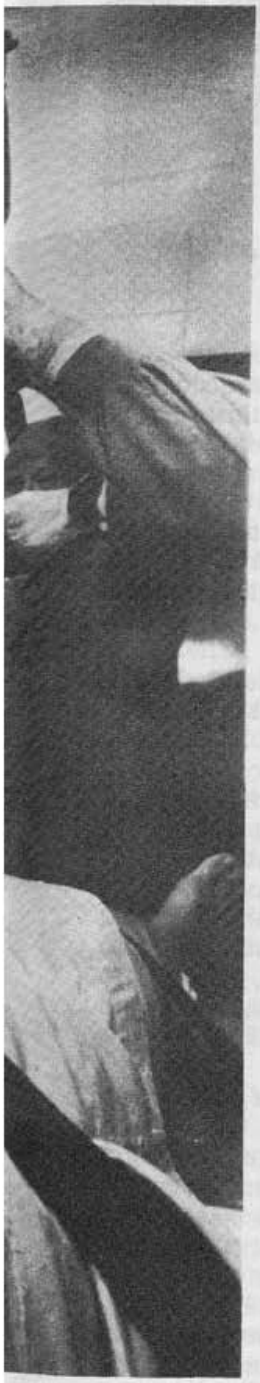
CRÍTICA



Rock Hudson e Richard Anderson, em O SEGUNDO ROSTO, de John Frankenheimer.

O SEGUNDO ROSTO

Flávio Manso Vieira



Seconds (O Segundo Rosto) representa a cristalização do talento de John Frankenheimer e a prova definitiva de seu talento. O realizador revela-se ao mesmo tempo um cineasta inconformado pendendo para uma linha de cinema que se poderia dizer "ficção social" ou, mais enfàticamente, "profecia social". Essa linha evolui de *The Mandchurian Candidate* (Sob o Domínio do Mal) de forma surpreendente para *Seconds*, onde a ficção social-científica adquire os tons de alarmante angústia.

Nas entrelinhas de uma história aparentemente fantástica, entramos no drama do homem moderno — sua solidão no meio dos indivíduos, a perda de sua individualidade diante do complexo da máquina, sua emasculação frente à técnica, às instituições e a subserviência aos cânones de uma sociedade em deterioração. O homem moderno se apega a *coisas*, mas nunca aos valôres reais que seu espírito exige. Por isso o fracasso de Arthur Hamilton (John Randolph), que na idade madura descobre, atônito, que nada tem no mundo e que sua mulher e sua filha não podem sequer sentir-lhe objetivamente a falta. Mas para suprir essa deficiência e dar nova oportunidade aos que falham, existe uma Organização especializada em "renascer" o indivíduo e dar-lhe novas oportunidades de viver e reencontrar-se, pela simulação de sua morte e moldagem de um nôvo rosto através de operações plásticas e criação de uma nova personalidade baseada em recônditas aspirações do indivíduo. Apesar do perfeicionismo da Organização, ela falha num ponto lamentável: não consegue eliminar do cliente seus primitivos reflexos que constituirão a base do seu comportamento no nôvo invólucro e o número de fracassos é muito superior aos sucessos. Mas a Organização prevê o fracasso — e se o indivíduo se nega a cooperar, ela não tem outra alternativa senão passá-lo ao próximo estágio...

Frankenheimer deixou-se contaminar pelo fascínio dessa história estranha e entregou-se entusiàsticamente à realização de um filme que, por sua vez, nos fascina e nos angustia. Sua câmera é impiedosa, principalmente em tôda a fase inicial, quando Arthur é continuamente "contatado" por seu amigo Charlie, já morto.

As imagens são freqüentemente distorcidas como num pesadelo e as coisas comuns assumem por vêzes uma figuração fantasmagórica. E uma das cenas mais cruéis do filme está também nesse início — a cena do quarto entre o marido e a mulher, que tentam um momento de ternura e compreensão que já não existem. E um beijo frio, distante, um beijo de *robot*. Pois *robot* é aquêle homem esmagado pelas contingências de uma vida de sucesso mas de tremendo vazio existencial. E *robot* continuará êle a ser depois de "renascido", com outro rosto, com outra personalidade, com outro nome, mas carregado do potencial dos mesmos erros. Com o nascimento de Antiochus Wilson (na pele de Rock Hudson), o mutante, Frankenheimer muda, por assim dizer, o pesadelo da câmera. Ela torna-se mais tranqüila, mais tràgicamente solitária, como nas caminhadas de Wilson pelas praias da Califórnia — um autômato carregando o fardo de viver, na esperança do próprio reencontro. O amor poderia surgir na figura de Norma Marcus (Salome Jeus), dona de um passado infeliz. E é ela quem o atrai a um ritual dionisíaco, celebrado com todos os requintes ancestrais de uma orgia a Dionísios. Homens e mulheres trazem uma enorme tina e cestas de uva. Seus cabelos estão coroados de fôlhas de parreiras e de hera. Alguns tocam flautas primitivas, outros entoam cânticos. E a procissão dionisíaca desce pelo bosque como nos antigos bosques da Grécia. A tina é colocada no chão e as cestas despejam os frutos. É coroada a rainha do vinho: ela se despe e vai calcar as uvas com os pés. A câmera não se ressente de sua nudez e mostra-a em todos os ângulos e mostra a turba que se despe e vai entrando na tina. A orgia dura na tela quase dez minutos, mas é antes um hino triste e dorido que assalta e angustia (a Censura vê na cena perversão e imoralidade e ameaça cortá-la) e representa para Wilson, o mutante, a descoberta de um mundo que êle sufocara em si. A euforia dessa descoberta vem desalojá-lo de sua inibição e, numa festa em sua casa, êle sente sùbitamente o terror ao compreender que está cercado de "renascidas", mutantes de rostos estranhos e terríveis que procuram esquecer. É como uma legião de desesperados. Wilson conhece então o seu segundo fracasso. Só lhe resta o estágio seguinte...

Filme de grande importância no panorama atual do cinema, *Seconds* só não será apreciado por aquêles acostumados ao superficialismo dos falsos inventores de cinema ou dos geniais sensacionalistas.